



Antonio Hohlfeldt

## Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## 45 anos de dança

*Oceânica* foi como a coreógrafa Anette Lubisco denominou o espetáculo comemorativo de seus 45 anos de atividades artísticas. Comemoração mais do que legítima, por toda a sua contribuição à dança do estado e do Brasil. O movimento da água e sua imensidão funcionam como a metáfora da criação artística festejada.

Trata-se de um trabalho de pouco mais de uma hora de duração, concebido, como ela mesma afirma, enquanto “um arquivo vivo” que transforma memórias biográficas em cena. Ao lado de Anette Lubisco, Dani Cezar assina a direção artística, com cenografia de Kyrie Isnardi e Juliana Abbud, iluminação de Maurício Moura, vídeos de Driko Oliveira e figurinos de Betina Scholl. No elenco, Aline Haas, Camila Arioli, Daniela Cezar, Daniela Nobre, Fabrini Alves, Isadora Franco, Lia Souza, Marcia Medeiros, Matheus Espinosa, Milena Christo, Tom Nunes e Viviane Tremea.

*Oceânica* é uma obra de maturidade. Toda a coreografia se desdobra com naturalidade, evidenciando uma vinculação orgânica entre a trilha sonora e o movimento dos corpos em cena.

Do mesmo modo, a interpretação abandona eventuais personificações egoísticas de solos ou *pas de deux* para se desdobrar em trios, quartetos ou conjuntos maiores, o que permite a ocupação plena do espaço cênico. Neste sentido, os vídeos de Driko Oliveira são extremamente importantes: combinados com a iluminação de Maurício Moura, compõem um conjunto harmonioso e significativo, complementado pelos figurinos que exploram tonalidades de cores quentes, todo o conjunto a registrar uma presença que se acompanha com prazer e admiração.

*Oceânica*, infelizmente, ficou apenas uma noite em cena. A produção enfrentou, originalmente, problemas com a má administração do Teatro Renascença, que levou ao cancelamento e inclusive à perda de materiais cenotécnicos, sem que nenhum pedido de desculpas ou proposta de ressarcimento fosse feito ao grupo. Um absurdo total, sobretudo porque o grupo ganhou um edital para a ocupação do espaço. Felizmen-

te, a Fundação Theatro São Pedro dispôs de uma data no Teatro Simões Lopes Neto e ali ocorreu a apresentação. Pessoalmente, acho que o espetáculo saiu ganhando, sobretudo pela melhor concretização daquilo que, na performance da dança, é fundamental: a simbiose entre música e movimento. Não só a acústica da sala é praticamente perfeita, quanto a iluminação e toda a concepção cênica se beneficiaram daquele espaço.

A Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, de qualquer modo, ficou devendo ao grupo. Espera-se que haja maior respeito para com os artistas da cidade.

Por outro lado, a produção de *Oceânica* ficou devendo para o público e eu diria que para a própria artista e o espetáculo. A produção da Casa Salto, até por se tratar de um momento comemorativo, deveria ter providenciado um material informativo a respeito do espetáculo. Por exemplo: a coreografia (inédita, imagino) de Anette Lu-

bisco revisita passagens de suas criações, quer na cena, quer na escolha das trilhas sonoras? Alguns daqueles intérpretes em cena haviam trabalhado anteriormente com Anette? Se sim, em quais espetáculos?

É evidente que tais falhas não desqualificam o espetáculo em si.

Mas diminuíram a homenagem com que se pretendia festejar tal data: afinal de contas, e sobretudo no Brasil, uma artista alcançar 45 anos de atividades ininterruptas precisa ser celebrado – condignamente.

Por fim, um registro: esta coluna quase seria preenchida apenas pela onomatopáica “clique” na totalidade de suas linhas. “Homenagem” à insensibilidade da fotógrafa que, contratada para documentar o espetáculo, passou 70 minutos a irritar todo o público do teatro com seus desrespeitosos cliques, mesmo quando o espetáculo silenciava. Se um fotógrafo não consegue perceber que o barulho de sua câmera atrapalha quem assiste ao espetáculo, não deveria ser fotógrafo. Não tem sensibilidade para tanto.

No mais, torço para que Anette e seu grupo possam mostrar *Oceânica* mais vezes e para mais gente: o espetáculo e a artista merecem, desde que dispensada a fotógrafa, é claro.

A coreografia de *Oceânica* promove um vínculo orgânico entre a trilha sonora e o movimento dos corpos em cena

GIOVANA CIANELLI/DIVULGAÇÃO/JC



Apresentação integra a turnê do trabalho mais recente da banda gaúcha, *Cartas de Adeus*

## Fresno revisita origens em show gratuito na Redenção, durante a Semana S da Fecomércio-RS

Gabrieli Silva

Porto Alegre volta a ocupar um lugar central na trajetória da Fresno. A banda gaúcha retorna à cidade onde iniciou sua história para um show gratuito neste sábado, às 20 horas no Parque da Redenção, dentro da programação da Semana S, iniciativa do Sistema Fecomércio-RS que reúne atividades culturais, serviços e inovação voltados à população.

A apresentação integra a turnê *Carta de Adeus*, novo projeto do grupo, “Porto Alegre é onde tudo começou: primeiros shows, primeiros fãs, primeiro tudo”, afirma o vocalista Lucas Silveira. O show no Parque da Redenção resgata um momento marcante: a apresentação de 2007 da banda no mesmo local, que inspirou a música *Redenção* e um dos álbuns mais emblemáticos da banda.

Desde então, a Fresno consolidou uma base sólida de fãs na capital gaúcha, mantendo uma relação fiel e de carinho com o público local. “Porto Alegre é uma das cidades onde temos maior público, justamente por essa conexão direta com a origem”, destaca Silveira.

No palco, o grupo promete equilibrar passado e presente. O repertório deve mesclar clássicos que marcaram gerações, como *Quebre as correntes*, *Alguém que te faz sorrir* e o grande primeiro hit *Polo*, que prometem emocionar a plateia do parque nesse final de semana. Além de clássicos que protagonizaram a chamada “fase emo”, a banda também irá apresentar pela primeira vez as faixas do novo álbum.

A proposta, segundo o vocalista, é “fabricar novos clássicos”, sem abrir mão das músicas que ganharam significado coletivo ao longo dos anos.

O disco *Carta de Adeus* surge como uma reflexão sobre o tempo e o próprio processo criativo. As composições partem de experiências pessoais que, uma vez compartilhadas, ganham caráter universal.

“São como cartas para versões antigas de mim mesmo, coisas que eu não consigo dizer antes”, explica. Musicalmente, o trabalho mantém o DNA emocional da Fresno, mas dialoga com novas sonoridades e com o momento atual da indústria musical em contraste com a crescente automatização trazida pela tecnologia. Para a banda, a essência da arte ainda está na imperfeição humana e na capacidade de emocionar.

Essa dimensão também atravessa a trajetória do grupo, que surgiu no início dos anos 2000 impulsionado pela internet, em um contexto de transformação cultural. A chamada cena emo, mais do que um gênero musical, representou uma mudança de comportamento entre jovens que encontraram, pela primeira vez, espaço para expressão e identificação fora dos meios tradicionais.

Mais de duas décadas depois, a Fresno segue independente e fiel ao espírito “faça você mesmo”, característica que sustenta sua produção constante e a relação direta com o público. A turnê atual, que começa simbolicamente em Porto Alegre, deve percorrer o Brasil e outros países, ampliando o alcance internacional da banda.